

INTRODUÇÃO

MOSIMANN, Rogério de Souza. Implicações da Internet nos Jornais e a Presença da RBS na Web. 2007. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Pós-graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, 2007.
www.floripaadventure.com/internet

Este trabalho pretende mostrar alguns aspectos da apropriação social de uma nova tecnologia, no caso a internet, para a produção e o consumo de informações. A partir de uma análise histórica, viu-se que o desenvolvimento de novas tecnologias acontece em ciclos na história da sociedade, sempre com implicações maiores em alguns setores produtivos do que em outros. A face mais recente das chamadas “revoluções tecnológicas” apresenta a tecnologia da informação como eixo central de uma nova série de transformações sociais, assim como as ferrovias e a telegrafia protagonizaram em seu tempo. Com o surgimento do telégrafo, por sinal, apareceram os primeiros argumentos apontando o fim dos jornais.

A partir da disseminação da internet, o meio jornal deparou-se mais uma vez com desafios originados pela introdução de uma rede sócio-técnica de comunicação. Consagrado como a mídia da informação local, o jornal viu surgir com uma rede potencialmente global uma série de ameaças, mas também de oportunidades, dependendo do ponto de vista da empresa editora e da sua atitude em relação à nova mídia.

Mais do que apenas uma nova mídia, a internet tem sido a articuladora das mídias, em uma indústria da comunicação cada vez mais inter-relacionada com a indústria de computadores, softwares, telecomunicações e entretenimento. Ao mesmo tempo, a mídia legitima o discurso e é um dos atores mais engajados na atual reestruturação do sistema capitalista, com globalização dos negócios e concentração do capital. As novas tecnologias da informação facilitaram a interligação destes setores e a criação de mega-corporações, organizadas em redes com atuação global e tentáculos estendidos aos mais diversos lugares.

A definição do objeto de pesquisa está estreitamente ligada à trajetória acadêmica e profissional do autor. Em 1993, o primeiro emprego como jornalista, na editoria de esportes do jornal O Estado (SC), o fez conhecer um modo de fazer jornal diário que já não existe mais: redação em laudas e máquinas de escrever,

diagramação com régua e desenho no papel, recebimento de informações de agências por telex, pesquisa exclusivamente em arquivos impressos (do jornal ou da biblioteca pública) etc.

Com a compra do primeiro computador para a produção da Revista Latinidad (principalmente para editoração eletrônica), em 1994, surgiu a curiosidade por novas tecnologias relacionadas ao jornalismo. Inicialmente o mercado editorial dava sinais que a publicação de CD-ROMs multimídia era uma tendência. Mas, devido a existência de um custo de impressão da mídia, a novidade ainda estava fora do alcance da pequena editora formada por três quase formandos. Com a descoberta da internet, assim como foi para muitos jovens, a ausência de um custo industrial permitiu a experimentação.

Em 1995, graduou-se em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela UFSC, criando como projeto de conclusão de curso a primeira revista on-line do Sul do Brasil – Latinidad, hospedada nos servidores do NPD-UFSC. Na época, o acesso à internet era exclusivo de pesquisadores, pós-graduandos e professores da universidade.

A internet tornou-se uma rede comercial em meados de 1995. Viu-se surgir os primeiros provedores em Florianópolis e a evolução da tecnologia e dos serviços on-line. Através da Infomídia Comunicação e Marketing Ltda, criada em 1996, este autor criou o primeiro web site de uma prefeitura catarinense, a de Blumenau (1996). Participou também da primeira experiência do Diário Catarinense (1997) e do jornal O Estado (1998) na internet. Fez o primeiro site do governo catarinense com publicação de notícias (1997) e esteve na equipe que criou o portal Trix, do grupo Matrix (1998, 1999).

A partir do ano 2000, com o aquecimento do mercado de internet, seguiu para o Rio de Janeiro, onde atuou na Brasil Interativo, empresa de projetos web originada de uma incubadora tecnológica de Florianópolis, mais tarde incorporada por uma empresa do empresário Nelson Tanure, atual dono do Jornal do Brasil, da Gazeta Mercantil e da IstoÉ. Com o estouro da “bolha da internet” e a revisão dos investimentos em internet em todo o mundo, os recursos escassearam e o acontecimento precipitou a volta deste autor para Florianópolis depois de dois anos.

Desde então, criou-se sites institucionais para empresas, fez-se experiências com blogs, fotologs e videoblogs (além de reportagens para veículos impressos) e buscou-se acompanhar a evolução da internet. Recentemente iniciou-se uma

carreira de professor no jornalismo, lecionando sobre webjornalismo.

Tendo acompanhado parte do processo de desenvolvimento da Internet em Florianópolis, percebeu-se que os jornais catarinenses começaram conservadores no uso da nova mídia. Entraram “atrasados” em comparação com outros jornais¹ do país e demoraram para ir um pouco além da transposição do conteúdo impresso para a internet. O Diário Catarinense foi o primeiro jornal brasileiro a ter uma redação informatizada, em 1986, mas sua primeira *home-page* mostrava apenas a capa do jornal impresso e oferecia venda de assinaturas.

Com o desenvolvimento deste trabalho, revelou-se que, a mesma empresa que era conservadora em sua presença editorial na web com o jornal local Diário, apenas marcando espaço, tinha uma atitude pioneira na convergência entre mídia e telecomunicações, participando da privatização das telecomunicações no Brasil, atuando em TV por assinatura e sendo uma das líderes no mercado de provimento de acesso à internet, até vender esse negócio para uma multinacional.

Pretende-se que o trabalho mostre estas contradições: como uma grande empresa com 955 funcionários, 18 emissoras de TV afiliadas da Globo, mais 25 emissoras de rádio, oito jornais e dois portais de internet pode ao mesmo tempo ser pioneira e conservadora, multimídia e desintegrada. Sua história parece ser feita de saltos, que iniciam ondas de transformações, pulando barreiras de atraso, mas nem sempre atingindo todos os negócios e implementando no dia-a-dia todas estratégias delineadas.

Enfim, a grande pergunta motivadora desta pesquisa é: Quais as implicações do desenvolvimento da internet para a indústria de jornais? A partir deste objetivo geral, decidiu-se partir de Florianópolis para a abordagem do tema escolhido, a fim de buscar a manifestação local deste processo mundial, com características e estágios diferentes em muitos países, regiões e lugares. Encontra-se bom material sobre a expressão mundial e nos países centrais da relação da internet com os jornais e outras mídias, mas poucos estudos sobre como isso se dá em lugares e casos específicos. Optou-se por escolher um estudo de caso na expectativa de preencher um pouco esta lacuna.

1 O Diário Catarinense fez sua primeira experiência em abril de 1996, cerca de um ano depois do pioneiro no país, o Jornal do Brasil, mas depois interrompeu sua presença na web e só foi publicar todo o seu conteúdo on-line depois de 2003. O jornal O Estado estreou on-line em 1999 mas nunca teve planejamento estratégico para o meio e hoje está sem site. A Notícia, de Joinville, lançou seu site em 1996 e a publicação de notícias “em tempo real” em julho de 2000.

Selecionou-se a RBS devido à atuação em jornais e internet, além de outras mídias, à posição de referência e líder de mercado na região Sul e em Florianópolis, ao papel da empresa na convergência de mídia e telecomunicações no Brasil e suas características de grupo de mídia com atuação regional e extensa rede de relações em diversas escalas.

Para lançar luz sobre esta grande pergunta, entende-se ser importante resgatar o processo de introdução das primeiras redes (telégrafo e telefone) e da imprensa em Florianópolis, bem como a história da internet até sua difusão na cidade. Do mesmo modo, acredita-se ser indispensável abordar as transformações recentes no mercado de mídia, e em especial dos jornais, procurando analisar os processos na escala mundial, nos países centrais, no Brasil, em Santa Catarina e localmente em Florianópolis, além de outros lugares cuja comparação pode auxiliar na compreensão do tema.

Sobre o caso específico, buscar-se-á respostas para entender como o maior grupo de comunicação com foco local em Florianópolis incorporou a internet. Pretende-se revelar como a RBS atua na mídia on-line e como o grupo trabalha a integração dos seus veículos, especialmente os jornais, com a internet, especificando sempre que possível para o jornal Diário Catarinense e a versão catarinense do ClicRBS.

Para alcançar tais objetivos, utilizou-se de referenciais teóricos relacionados à Geografia econômica² e à noção de redes. A análise de processos globais nos lugares possibilita uma noção do plano geral e de seus reflexos específicos em determinado lugar, reflexos do “embate” entre interesses externos e as características locais, fruto da história e da produção social.

As novas possibilidades técnicas representam a dinâmica da totalidade, movimento presente em cada atividade que se manifesta nos lugares como fenômeno social. Constitui assim, a maneira como os elementos de cada formação sócio-espacial específica inserem-se às novas lógicas engendradas pela diversidade da divisão do trabalho. Com efeito, *“cria uma hierarquia entre lugares e, segundo sua distribuição espacial,*

² O primeiro aporte teórico apóia-se na categoria de Formação Sócio-espacial desenvolvida por Milton Santos (1977). Segundo Espíndola (2002), a formação social é uma realidade concreta, que se transforma, evolui e muda historicamente. O econômico é composto pelas forças produtivas (relações homem / natureza) e o social articula as relações de produção. Em seu conjunto, essa categoria “se coloca inequivocadamente no plano da história, que é a totalidade e a unidade de todas as esferas (estruturais, supra-estruturais e outras) da vida social na continuidade e ao mesmo tempo na descontinuidade do seu desenvolvimento histórico” (SERENI, 1976, p. 71 apud Espíndola 2002)

redefine a capacidade de agir de pessoas, firmas e instituições” (SANTOS, 1996b: 108) como uma necessidade imanente do estágio em que se encontra o modo de produção capitalista sob a égide da “globalização”. (MACHADO, 2000, p. 27)

Florianópolis é o ponto de partida desta pesquisa, e, enquanto lugar — inserido em uma rede muito mais extensa, com conexões em outros estados, regiões e países — contém a expressão de como o mundo funciona. Entretanto, ter Florianópolis como referência não significa restringir a pesquisa às questões locais. A análise da escala não deve substituir a análise dos processos (VAINER, 2001). Como orienta Milton Santos (2004, p. 213), “as redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo”.

Em se tratando de internet, a questão das escalas torna-se relevante para qualquer estudo. Vainer (2001) auxilia a compreensão da relação das escalas e mostra caminhos para entendê-las: enquanto “a polaridade local x global domina o debate contemporâneo” (2001, p. 144), não se deve opor escalas, mas articulá-las e combiná-las, já que “eu vivo cotidianamente no mundo e no meu local, no meu município, na minha cidade, no meu país”, o que revela uma articulação local – regional – nacional – mundial. O autor também afirma que “uma cidade não existe solta no ar”, ou, conforme Smith (1993), uma escala não existe sozinha, sempre está em relação com outra. Para se entender um processo local é preciso atentar para suas articulações com outras escalas. Ou seja, “o local, a cidade em primeiro lugar, constitui escala e arena de construção de estratégias transescalares e de sujeitos políticos aptos a optarem de forma articulada com coalizões e alianças em múltiplas escalas” (VAINER, 2001, p. 149). Enfim, a abordagem desta pesquisa é local, mas o local também é uma relação entre escalas (VAINER, 2001). Mesmo uma rede global como a internet não deixa de ser local em cada ponto (SANTOS, 2004).

Para tentar compreender como RBS incorporou a internet e como o Diário Catarinense interage com o portal do grupo, o ClicRBS, será preciso seguir relações dentro do Grupo RBS e deste com outros atores. É uma rede longa, o que explica a grande força da RBS em relação a outros provedores de conteúdo com redes menos extensas, como sites independentes e blogs. Conforme Latour, os atores mais fortes são aqueles capazes de articular mais escalas.

Seguir os atores parece ser o caminho para conseguir articular as escalas ao

invés de cair na polarização local x global. Para esta tarefa é muito útil a teoria ator-rede de Bruno Latour, que na verdade funciona mais como um método do que uma teoria “quadro de referência”. O autor prega a necessidade de seguir as associações que as fontes (informantes) fazem entre os elementos que descrevem a fim de entendermos suas razões (das fontes), sem acrescentar juízo de valor, “apenas” observando a rede usada para explicar as coisas. “Os dois extremos, local e global, são bem menos interessantes do que os agenciamentos intermediários que aqui chamamos de redes” (LATOURE, 1994, p. 120)

Outro ponto das idéias de Latour importante de relacionar a este trabalho é a noção de mobilidade das redes. As redes não são somente seus pontos – como dá a entender qualquer representação gráfica de uma rede. Existe uma série de transformações acontecendo nos nós das redes quando estes se conectam. Um ponto influencia o outro, e o papel de cada um é definido por este movimento constante de transformação. Ou seja, os fluxos definem os nós das redes.

Nesta questão encontra-se confluência entre Latour e Milton Santos, para quem estrutura “implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção”. E a forma³ pode se expressar “como uma estrutura revelada”. Estendendo este raciocínio para as redes, interpretamos que o grande geógrafo brasileiro, assim como o antropólogo francês, entende que as relações entre os nós definem suas formas. “Todavia, divorciada da estrutura, a forma conduzirá a uma falsa análise: com efeito, formas semelhantes resultaram de situações passadas e presentes extremamente diversas” (SANTOS, 1985, p. 51).

Esta idéia permite tentar compreender o papel dos provedores de conteúdo na internet não apenas por sua existência na rede (forma), mas a partir do que produzem e recebem de informação, dos *inputs* e *outputs* constantemente trocados com outros atores (relações).

Na análise de redes, além de incluir os atores sociais, é importante também não desvencilhar as redes dos fluxos e da fluidez, esta última definida não como uma categoria técnica, mas sim uma entidade sociotécnica. “Ela (a fluidez) não alcançaria as conseqüência atuais, se, ao lado das novas inovações técnicas, não estivessem operando novas normas de ação” (SANTOS, 2004, p 275). Milton

3 Forma, função, processo e estrutura são categorias do método geográfico, elementos fundamentais para a compreensão do espaço. (SANTOS, 1985). Espaço é um sistema indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2004).

Santos define as redes como técnicas, mas também sociais. Sobre a questão dos fluxos, dos fixos, da fluidez e do dinamismo das redes, Santos esclarece:

“Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes prescindem de fixos – que constituem suas bases técnicas – mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não-passivas, as redes não tem em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social”. (SANTOS, 2004, p. 277)

No caso da comunicação, o movimento social sempre dispôs de uma mídia alternativa ou de oposição aos grupos dominantes, sejam eles predominantemente políticos (início da história moderna da mídia) ou econômicos (o media business das mega-corporações globais). Mas, a internet facilitou a disseminação de instituições e pessoas produtoras de informação, entre elas muitas que não encontravam espaço na mídia tradicional. Ao mesmo tempo, os sites de notícias mais visitados ainda refletem a concentração da mídia tradicional, embora muitas redes de informação, sites independentes e blogs já alcancem boa audiência.

Determinados grupos sociais⁴ – jornalistas, desenvolvedores de softwares, pesquisadores, empresários, educadores entre outros pioneiros na internet – foram demandando, criando e disseminando novas formas e funções para a comunicação on-line possivelmente na busca por maior fluidez para a circulação da informação⁵. A internet foi a tecnologia que permitiu efetivar um potencial de comunicação não-mediatizada em larga escala, criando assim novas normas para os produtores de informação, não necessariamente inserida na lógica mercantil da notícia, em boa parte tratada pelas empresas de comunicação como *comodity*. Segundo Leila Dias, “as novas redes de telecomunicações – como no passado o telégrafo e o telefone – constituiriam, assim, a resposta contemporânea à necessidade de acelerar a velocidade de circulação dos dados e do saber” (2000, p. 155).

Assim como o espaço, as redes são heterogêneas (SANTOS, 2004), e este processo ainda é muito mais potencial do que efetivo no Brasil, e Florianópolis em

4 Bijker (1999) considera os artefatos tecnológicos uma construção social, e, segundo ele, o que caracteriza um grupo social relevante neste processo de construção é o compartilhamento por todos os membros dos mesmos significados em relação a determinado artefato.

5 “A fluidez é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado”, conclui Santos (1996, p. 274), depois de dizer que “A fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Daí a busca voraz de ainda mais fluidez, levando à procura de novas técnicas ainda mais eficazes”.

particular⁶. “Devemos, assim, distinguir entre a produção de uma expectativa de fluidez, isto é, a criação das condições para sua existência e o uso da fluidez por um agente, isto é, sua efetivação empírica” (SANTOS, 2004, p.277). A partir deste caminho sugerido por Milton Santos, espera-se fazer algumas relações entre o potencial efetivado na RBS com o potencial (abstrato) da comunicação on-line e experiências concretas de outros atores, inovadoras na forma, função e/ou nas relações da mídia com a internet e com grupos sociais.

Partindo do princípio que “a produção da fluidez é um empreendimento conjunto do poder público e do setor privado” (SANTOS, 2004, p. 276), espera-se incluir algumas considerações sobre o papel do Estado no desenvolvimento da internet, já que cabe a ele “prover o território dos macrossistemas técnicos sem os quais as demais técnicas não se efetivam” e “a informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação” (SANTOS, 2004, p. 239).

Jean Marc Offner (2000) também acredita que as redes precisam ser analisadas levando-se em conta o modo como são planejadas e gerenciadas, o que de algum modo sempre está ligado ao papel do Estado. Para Offner (2000), uma abordagem interessante é analisar a relação das redes técnicas e territórios a partir das normas que regulam os operadores das redes (OFFNER, 2000).

Antes de um fenômeno comercial, a internet foi primeiro um empreendimento governamental, tanto na sua gênese nos Estados Unidos quanto na sua introdução no Brasil. Em Florianópolis, as primeiras conexões aconteceram na Universidade Federal de Santa Catarina. A ligação de outros nós em Santa Catarina à internet foi obra de uma instituição estatal ligada à UFSC, a RCT – Rede Catarinense de Ciência e Tecnologia, que por sua vez estava ligada à Rede Nacional de Pesquisa, também estatal, operadora do primeiro *backbone* brasileiro (espinha dorsal da rede, infra-estrutura física).

Este processo precisa ser analisado para se entender a abrangência da internet hoje em Florianópolis, mas sem esquecer que “o tempo a considerar não é o

6 Podemos usar a expressão “desigual e combinado” para caracterizar o desenvolvimento da mídia on-line, não só no Brasil, mas em todos os lugares. Ao mesmo tempo em que existem exemplos (principalmente nos países centrais) de grande aplicação do potencial da internet, a maior parte dos casos encontra-se na fase da transposição dos princípios do meio impresso para o digital. Segundo Castells (2003, p. 174), “a difusão da Internet avança desigualmente no tempo e no espaço por camadas sucessivas de incorporação que poderão se refletir numa diversidade de geografias sociais no futuro”.

das máquinas ou instrumentos em si, mas o das ações que animam os objetos técnicos. Mesmo assim, são estes que oferecem as possibilidades e dão os limites” (SANTOS, 2004, p. 267). Sobre a relação das ações com os objetos, Antongiovanni (2003, p. 186) acrescenta que “os objetos não tem existência real, valorativa, sem as ações”.

Ao mesmo tempo em que considera-se importante resgatar o processo histórico de difusão da internet em Florianópolis (inserido no contexto nacional e mundial), conhecer as características da infra-estrutura criada para dar suporte à rede é necessário para entendermos as possibilidades da técnica e o papel dos atores envolvidos com o seu desenvolvimento. É preciso deixar claro que isto não significa enfatizar a rede como sujeito da ação. Mas é certo que a infra-estrutura existente – a rede suporte, que permite o encaminhamento dos fluxos, na definição de Dias (1996) – fornece as possibilidades para a ação dos atores e grupos sociais envolvidos com o uso e desenvolvimento da técnica. Mas é a rede-serviço – os serviços de comunicação oferecidos sobre a infra-estrutura física (DIAS, 1996) – que caracteriza a heterogeneidade das redes. Este trabalho vai concentrar sua análise nos serviços de comunicação on-line, considerando a rede-suporte como um elemento para compreender os serviços oferecidos, como no caso da difusão da banda larga, que transformou o uso e a produção de conteúdo na rede. Conforme Dias,

Trata-se de buscar o significado das redes; não numa perspectiva de linearidade entre o desenvolvimento técnico e as transformações espaciais, sociais e econômicas, mas sim numa realidade pluridimensional, na qual emergem as estratégias antagônicas de uma multiplicidade de atores. Neste sentido, a história das redes técnicas é, sem dúvida, um processo complexo, no qual coexistem eventos determinados por interações locais e projetos definidos por concepções globais sobre o papel das técnicas de informações e comunicação. (DIAS, 2000, p. 159)

Manuel Castells (2003) tem uma visão sobre “a dimensão geográfica da internet” que orienta metodologicamente esta pesquisa. Segundo o sociólogo espanhol⁷, pode-se analisar a dimensão geográfica da internet de três perspectivas: (1) a geografia técnica (infra-estrutura de telecomunicações – rede-suporte), (2) “a distribuição espacial dos usuários e (3) a geografia econômica da produção da

7 A postura de Castells é criticada por Randolph e Offner. Randolph (2000) critica “o determinismo que Castells pensa combater” enquanto Offner (2000) aponta que o autor espanhol dá ênfase a auto-regulação das redes e não considera corretamente o papel do Estado na sua organização.

internet” (2003, p. 170). As duas primeiras perspectivas serão consideradas a fim de melhor compreender a terceira, nosso objetivo principal. Castells chama de Era da Informação o que Milton Santos define como meio técnico-científico-informacional:

Assim, precisamos de uma avaliação da geografia dos provedores de conteúdo da internet de maneira geral; isto é dos domínios da Internet de todos os tipos que geram, processam e distribuem informação. Como a informação é o produto-chave da Era da Informação, e a Internet é a ferramenta fundamental para a produção e comunicação dessa informação, a geografia econômica da Internet é, em geral, a geografia dos provedores de conteúdo da Internet (CASTELLS, 2003, p. 175).

Milton Santos inclui ainda a perspectiva histórica do desenvolvimento das redes como um dos enfoques possíveis para a análise das relações das redes com os territórios. O chamado enfoque genético pressupõe o conhecimento do movimento de criação e renovação da infra-estrutura física das redes. “Mas essa sucessão não é aleatória. Cada movimento se opera na data adequada, isto é, quando o movimento social exige uma mudança morfológica e técnica” (SANTOS, 2004, p. 263).

O outro enfoque possível Santos (2004) chama de enfoque atual, que

supõe a descrição do que a constitui (a rede), um estudo estatístico das quantidades e das qualidades técnicas, mas, também, a avaliação das relações que os elementos da rede mantêm com a presente vida social, em todos os seus aspectos, isto é, essa qualidade de servir como suporte corpóreo do cotidiano. Uma visão atual das redes envolve o conhecimento da idade dos objetos (considerada aqui a idade “mundial” da respectiva técnica) e de sua longevidade (a idade “local” do respectivo objeto), e, também, da quantidade e da distribuição desses objetos, do uso que lhes é dado, das relações que tais objetos mantêm com outros fora da área considerada, das modalidades de controle e regulação do seu funcionamento (SANTOS, 2004, 263).

Para concluir, Santos (2004) salienta ainda que os dois enfoques não são vedados e isolados um do outro, sendo impossível separar estas duas tarefas analíticas. O importante seria unir as abordagens, “já que cada fase do processo pode também ser vista como uma situação; e cada situação pode ser vista como um corte num movimento que é desigual, segundo levemos em conta este ou aquele elemento”.

Do ponto de vista metodológico, optou-se por um levantamento bibliográfico de temas relacionados ao estudo, aliado a pesquisas na internet sobre empresas e casos citados, além de realização de entrevistas e visita à sede da RBS. Foram

entrevistadas 16 pessoas, além de contatos realizados com outras quatro pessoas para obtenção de dados estatísticos. Em Porto Alegre, foi realizada a entrevista com a vice-presidente de internet e inovação da RBS, Sílvia de Jesus, além de contato com Cleber Adolfo de Souza e Tiago Santos, do departamento de marketing da RBS Internet e Inovação para obtenção de números de acesso ao ClicRBS. Por telefone foi ouvido Marco Spadoni, gerente de tecnologia e segurança de internet da RBS e Eduardo Tessler, ex-diretor de conteúdo do ClicRBS, atualmente diretor no Brasil da Innovation Consulting Group (via Skype, de pc para pc⁸).

Em Florianópolis, foram entrevistados pessoalmente o gerente de conteúdo do ClicRBS, Sérgio Ludtke — que trabalha em Porto Alegre mas estava orientando a equipe local para a cobertura do evento FloripaTem; Marcos Noll Barboza, diretor geral do DC; e Fabiano Melato, primeiro coordenador de conteúdo do ClicRBS em Santa Catarina, atualmente em A Notícia (de Joinville, de onde também deu entrevista por Skype); e redatores do ClicRBS em Santa Catarina: Anacris Oliveira, Gisiela Klein, Mateus Boeing, Karla Santos (também sub-editora da editoria “mundo” do Diário Catarinense) e Maurício Xavier (na época também repórter de esportes e colunista do DC). O repórter do DC e autor do primeiro blog da RBS com conteúdo local de Santa Catarina, Fábio Bianchini, também foi ouvido. Preferiu-se não vincular individualmente as declarações dos redatores aos seus nomes para evitar que alguns pontos possivelmente polêmicos causem qualquer prejuízo aos profissionais.

Em Florianópolis foram entrevistados ainda Ricardo Mucci, um dos criadores do Trix, portal de conteúdo da Matrix; Maurélio César Pereira, do Guia Floripa e Adriano Pinheiro, do AutoFloripa. O editor-chefe do Diário Catarinense, Cláudio Thomas, preferiu responder por e-mail a entrevista solicitada.

Por e-mail também se obteve a contribuição de Adriane Santos, do departamento de planejamento e marketing do Diário Catarinense, que complementou a entrevista realizada com Barboza fornecendo dados estatísticos. Do Rio de Janeiro participou Jaqueline Bolognini, do IVC, que após contato telefônico e formalização do pedido enviou os valiosos dados sobre o mercado de jornais em Santa Catarina.

Além de objeto deste trabalho e suporte para comunicação, a internet

⁸ Skype é um aplicativo de distribuição gratuita para realização de chamadas telefônicas através da internet (voz sobre IP – VoIP), sem custo quando se liga de computador para computador ou com cobrança para chamada de um computador para um número de telefone fixo ou celular.

forneceu ferramentas para pesquisa de informações e organização de referências. Usou-se o sistema de bookmarks social del.icio.us para catalogação das principais referências on-line pesquisadas, disponíveis em <http://del.icio.us/rmosimann>. Para monitoramento de notícias on-line relacionadas com os assuntos abordados, utilizou-se um leitor de RSS (Feedreader) para consultar periodicamente de forma mais prática diversas fontes, refletidas nas referências do trabalho. A busca acadêmica do Google facilitou a localização de diversos artigos publicados on-line, bem como a busca na web possibilitou encontrar relevantes bases de dados e arquivos apresentados em palestras. Desde 1995, quando o autor fez sua primeira pesquisa sobre internet, continua valendo a idéia de que a internet é a maior fonte de informação sobre a internet.

Assim sendo, o presente trabalho divide-se em cinco grandes capítulos. O primeiro traça considerações sobre o surgimento dos jornais em Florianópolis, a introdução de redes sócio-técnicas como o telefone e o telégrafo e o processo de formação deste lugar referência. Destaca-se a importância do poder público como agente das transformações que levaram à constituição da Florianópolis atual, com uma população de alto poder de consumo, repleta de migrantes, inserida nas atividades produtivas globalizadas através do turismo e da indústria de base tecnológica. Neste capítulo aborda-se ainda a diferenciação de Santa Catarina em relação aos outros estados brasileiros, sem uma capital influente em todo o seu território, mas sim um conjunto de capitais regionais, o que implica em peculiaridades para a mídia.

Esta indústria é o foco do segundo capítulo, no qual se procura mostrar um panorama da mídia a partir das transformações iniciadas nos anos 1980, com ênfase nos jornais. Transformações estas ocorridas também em outras indústrias, mas com peso diferente na mídia, e não somente motivadas pela tecnologia, mas fruto da reestruturação do sistema capitalista no processo recente de globalização. Este capítulo inclui ainda uma análise do quadro atual do mercado de mídia, destacando a estrutura do setor e a participação de cada meio no faturamento publicitário. Mais uma vez procurar-se-á mostrar o quadro mundial e nacional para relacioná-los com o cenário local, onde será destacada a atuação da RBS e do Diário Catarinense.

No capítulo seguinte — “A História, o Público e os Usos Mais Comuns da Internet” — pretende-se analisar a história e a construção social da internet.

Primeiramente, busca-se contextualizar o surgimento da internet na história das revoluções tecnológicas cujas implicações⁹ transformaram significativamente a sociedade, para depois ser analisada a criação e a difusão da internet, abordando a evolução da rede técnica a partir das demandas sociais, muitas vezes com raízes antigas, como será visto nos exemplos do século XVII e XVIII. Já no século XX, a interseção da contracultura com recursos de pesquisa abundantes devido à Guerra Fria proporcionou o embrião da internet que conhecemos hoje.

Além da história “mundial” e da difusão da internet no Brasil e em Santa Catarina, aborda-se neste terceiro capítulo o perfil dos usuários, os usos e funções da internet, com foco em processos relacionados com comunicação e jornalismo. Almeja-se apresentar estes tópicos em escala mundial — já que “é a Totalidade que explica as partes” (SANTOS, 2000, p. 115) —, mas também nacional e local¹⁰, atento ao que Milton Santos chama de totalização e totalidade, buscando apreender os movimentos de transformação da totalidade, as relações entre as partes e a expressão do Todo no lugar.

Em “A Presença da RBS na Internet”, apresenta-se o processo de incorporação e uso da internet por parte da RBS. A partir deste fio condutor, relata-se os primeiros anos da internet comercial em Santa Catarina e no Brasil, a participação da RBS na privatização das telecomunicações, a evolução do ZAZ e sua venda para a Telefônica, a criação do ClicRBS, a bolha da internet e seus reflexos no Clic, o surgimento do hagam e o perfil atual da operação internet da RBS. Por fim, no último capítulo, pretende-se discutir alguns desafios para os jornais a partir da difusão da Internet, relacionando o debate em torno do assunto com o caso estudado.

⁹ Vale citar aqui a opção pelo termo “implicação”, e nunca “impacto”, para definir as transformações ocorridas a partir do uso e difusão de novas tecnologias. Implicação supõe interatividade entre a tecnologia e a sociedade, enquanto impacto denota algo de fora, exógeno, tendendo a uma interpretação determinista, onde a tecnologia gera o impacto.

¹⁰ Para análise quantitativa, vamos usar dados da média mundial, dos países centrais, de alguns lugares do mundo (relacionados com Florianópolis ou interessantes para comparação), do Brasil (média nacional e dados regionais), estatísticas de Santa Catarina e do lugar Florianópolis.